

140 ANOS DA REVOLTA MAHDISTA NO SUDÃO: A HISTORIOGRAFIA E A ISLAMOFOBIA: UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA E DE CONQUISTA COLONIAL (SÉCULOS XIX E XX)

140th anniversary of the Mahdist Revolt in Sudan: Historiography and islamophobia: A history of resistance and colonial conquest (19th and 20th centuries)

Patricia Teixeira Santos²⁶¹

Resumo

Este capítulo trata da importância de se refletir sobre o maior movimento de resistência anticolonial na África no século XIX, a Mahdiyya ou Revolta Mahdista que ocorreu no Sudão de 1881 a 1898. Devido a importância de territórios e povos envolvidos e das articulações e redes de solidariedades envolvidas, a história deste movimento nos convida para um diálogo historiográfico que critique os limites das abordagens islamofóbicas e que possa apontar a complexidade das reivindicações políticas e das compreensões africanas da geopolítica internacional dos últimos vinte anos do século XIX.

Palavras-chave: resistência; Mahdiyya; colonialismo

Abstract

This chapter deals with the importance of reflecting upon the biggest movement of anticolonial resistance in 19th century Africa, the Mahdiyya or Mahdist Revolt, which occurred in Sudan between 1881 and 1898. Due to the importance of the involved, as well as its connections and solidarity networks, the history of this movement invites us to a historiographical dialogue critical of the limits of islamophobic approaches, and which may demonstrate the complexity of both the political reivindications and the African comprehension of international geopolitics in the final twenty years of the 20th century.

Keywords: resistance; Mahdiyya; colonialism

²⁶¹ Professora Associada do Departamento de História e coordenadora do NEHAC UNIFESP. Pesquisadora Colaboradora do CITCEM UP (Portugal), do LAM – Instituto de Ciências Políticas da Universidade de Bordeaux (França) e do Departamento de Estudos Africanos da Universidade de Delhi (Índia).

O Sudão Mahdista se estendeu nas regiões hoje compreendidas como o Sul do Egito, Sudão do Norte e Sudão do Sul, Norte do Quênia, parte de Uganda e da Etiópia. Em 2021, tivemos, como grande marco na história africana, os 140 anos da maior revolta anticolonial do século XIX, que ocorreu nessa confluência de espaços, e que se destacou tanto em extensão quanto em pessoas envolvidas para o desenvolvimento dessa ação em diferentes espaços da África Oriental, do Sul da Península Arábica quanto da Índia.

O nome da revolta é advindo do termo “Mahdi”, que na espiritualidade e caminho religioso do Islã significa a figura que inicialmente deveria preparar os muçulmanos e as comunidades protegidas por estes para o fim do mundo.

A *parusia* (o retorno do Cristo) seria inaugurada com a volta de Jesus e a chegada do Mahdi era considerada um importante sinal dessa escatologia. No Islã, a figura de Cristo é vista como um ser que passou pela maternidade de Maria, porém é muçulmano, consciente da unicidade de Deus e seu profeta, não partilhando da divindade do mesmo, uma vez que é resultado de uma intervenção divina sobre uma mulher.

Jesus seria um importante profeta de Deus, mas não partilharia da divindade junto com este. O fenômeno do surgimento dos Mahdis se agiganta em diversos espaços africanos e asiáticos no contexto dos processos de ocupação efetiva da exploração colonial da África e da Ásia, que suscitaram diversos movimentos de resistência, dentre os quais os liderados por Mahdis tinham uma importância mobilizadora considerável.

O nosso tema propõe falar da Revolta Mahdista no Sudão, e é um convite para que possamos desenvolver uma reflexão sobre espaços africanos que não possuem necessariamente relação com a nossa história brasileira, mas que são extremamente importantes para a compreensão de processos geopolíticos das sociedades africanas nos séculos XX e XXI.

A *Mahdiyya* ou a Revolta Mahdista, como já foi dito, foi o maior movimento anticolonial na África da segunda metade do século XIX, tanto em duração (17 anos) quanto em mobilização ocidental para a sua repressão e derrota.

A capacidade de articulação da diversidade de povos sudaneses e de comunicação com outros espaços africanos para se conseguir solidariedade foram aspetos que chamaram a atenção do Padre Joseph Ohrwalder, que foi prisioneiro do Estado Mahdista e produziu em quantidade prolixas análises, relatos importantes sobre a dinâmica da *Mahdiyya*, no qual o seu olhar orientalista e desqualificador se faz notar mas, ao mesmo tempo, prescruta com interesse as dinâmicas do Mahdi e seus seguidores na ampliação de redes de apoio e do significado político do Estado criado por esta liderança. De acordo com o religioso:

Todos os indivíduos descontentes, paupérrimos, escravos, oprimidos, perseguidos e muitos ainda incitados pelo fanatismo religioso associavam-se a ele (o Mahdi - explicação da tradutora), acrescentando-se os esperançosos pelos despojos, pelos quais os dervixes, hábeis sublevadores, faziam as maiores promessas para esta vida e para a futura. Por fim, tem-se o apoio de muitos traficantes de escravos. Estes últimos cresciam em preferência dos rebeldes. Desde o momento em que Gessi Paxá, com a vitória sobre Suleiman, filho de Zubeir, havia dado um golpe no comércio de escravos e havia estrangulado sem misericórdia todos os mercadores desse tipo que tivera em suas mãos, como ele me contou, os sobreviventes puseram-se a salvo pela fuga. Astutos por natureza, haviam se aperfeiçoado. Para eles, os dervixes prometiam os despojos e a liberdade de comércio de escravos. Os que aderiram ao mahdi foram além, tornando-se mais fanáticos a tal ponto que estavam prontos a dar a vida por ele, embora não às cegas e sem um motivo razoável. Com isso compreende-se como essa horda poderia comparar-se com as tropas do governo e até vencê-las, tanto que os capitães dessas desprezavam os rebeldes e não se prepararam contra eles”.²⁶²

²⁶² Ohrwalder, J. (1998). I miei dieci anni di prigionia: Rivolta e Regno del Mahdi in Sudan (pp. 45-46). Bologna: EMI. apud Santos, P. T. (2013). Fé, Guerra e Escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1989) (pp. 170-171). São Paulo: Editora UNIFESP.

Neste trecho, Ohrwalder explicita um amplo apoio à *Mahdiyya* e ao reconhecimento da liderança do Mahdi, dos traficantes de escravos e de vários comerciantes ligados ao antigo Vice-Reinado do Egito e ao Império Otomano, que se percebem lesados pelas séries de concessões que o sultão otomano, e também o vice-rei egípcio, fazem para poder participar das redes políticas e comerciais da Inglaterra e da França. O texto é atravessado pela visão depreciativa do Islã e restringe a atividade traficante a tão somente o contexto regional africano, como se fosse uma mal “moral” do continente, mas é um trecho interessante que se mostra a surpresa face as redes construídas e a capilaridade dos caminhos da *Mahdiyya* no Sudão e espaços aliados.

Uma série de expedições punitivas, guerras e conflitos assolaram o Estado Mahdista até 1898, quando uma ampla coalizão liderada pela Inglaterra na qual o Canadá e os Estados Unidos participam - sendo a primeira incursão desses países num conflito militar na África -, derrotou o califa Abdulahi, sucessor do Mahdi que havia morrido em 1885 e suas redes de apoio.

Com a derrota e uma série de execuções coletivas, expedições “pacificadoras” e o chamado “incidente Fashoda” - no qual Inglaterra e França quase entraram num conflito de maiores proporções entre si, estabeleceu-se na região o chamado “Condomínio Anglo-Egípcio” e foi adotada a administração indireta, onde o governador geral do Sudão era filho do Mahdi e todo o quadro administrativo era proveniente dos antigos *ansar*, os apoiadores da *Mahdiyya*.

Os mediadores políticos da herança da administração Mahdista aos ingleses foram os missionários católicos do antigo Instituto das Missões pela Nigritia (atuais Missionários Combonianos do Coração de Jesus), já citados aqui, que haviam sido prisioneiros dos Mahdistas e que ficaram com o papel de intérpretes e tutores dos filhos do Mahdi.

De acordo com Santos:

No entanto, muito mais do que uma perspectiva “edificante” da missão, observava-se que a Igreja se apropriou da experiência da *Mahdiyya* e das colônias anti-escravistas no Egito e construiu uma possibilidade de mediação entre as populações da zona meridional e os britânicos. Tal ação pode ser percebida na construção de práticas disciplinares e de controle dos corpos na missão católica que se relacionava com a administração anglo-egípcia, iniciada em 1899. O espaço da ação do governamental, juntamente com a atividade missionária da Igreja, envolvia as antigas populações que haviam participado da *Mahdiyya*. Além disso, por estarem inseridas na globalidade do Império Britânico, essas populações começaram a ter cada vez mais contato com os diferentes súditos desse império, que traduziam no cotidiano, as relações com o mundo colonial.²⁶³

Percebe-se então a dinâmica da missão cristã nesse espaço sudanês, como interagiu com a sociedade Mahdista sendo intérprete do mundo exterior ocidental para os muçulmanos e como mediou com os ingleses, sendo a depositária da herança da *Mahdiyya*.

Ao longo da primeira metade do século XX até a independência do Sudão em 1956, a divisão do território em distritos, dos quais os povos do Sul confiados aos missionários cristãos e ao ensino de Língua Inglesa e o norte assentado na administração indireta dos povos muçulmanos, cria uma divisão, mas que não deixa de ser permeada pela circulação de pessoas, projetos e idéias. Não se percebe uma polarização religiosa, apesar da mídia ocidental, sobretudo nos anos 1990, durante o conflito do Darfur, insistir nisso. A grande questão é, de fato, a participação e inclusão da diversidade social nos rumos do governo e das políticas públicas sudanesas. Os governos militares, sobretudo, os dos anos 90 do século XX, têm uma linha de continuidade de manutenção do poder com a antiga elite regional do norte, que tinha o papel do exercício da administração indireta no período colonial. Porém, essa linha de continuidade é reatualizada e sofisticada com o aumento das reivindicações de

²⁶³ Santos, Op cit, p. 286.

outros setores sociais que queriam mudanças qualitativas e maior inclusão, reforçando a faceta ditatorial.

No final do ano de 2021, assistimos à triste notícia do recrudescimento da situação política no Sudão, com um golpe militar que havia dissolvido uma ampla coalizão construída pela sociedade civil que, em 2016, havia deposto um ditador que estava no governo há mais de 40 anos.

Foi um período, entre 2016 a 2019, de reivindicações, aberturas de direitos, ampliação da participação das mulheres na vida pública e política, respeito à diversidade religiosa e retirada da presença de autoridades religiosas em espaços públicos importantes. Porém, esse antigo grupo ligado ao Bashir, ditador deposto, retorna ao poder uma vez que, a partir do fim do mandato colonial, as principais riquezas sudanesas estavam sendo controladas por uma elite militar que conduz o fim do processo colonial por uma via reformista.

Essa elite militar que se revezou no poder ao longo de 50 anos teve, em 2016, seu poder questionado, com o presidente Bashir sendo denunciado e preso por crimes contra a humanidade. Boa parte dos militares que eram seus apoiadores têm acusações de genocídio, sobretudo sobre suas participações no conflito de Darfur, de uma forma sanguinária e direta.

Pela primeira vez na história sudanesa, formava-se um amplíssimo comitê envolvendo a sociedade civil e diferentes atores sociais que reivindicavam mudanças para o Sudão. Este grupo militar se ressentia da exclusão e do fácil acesso às riquezas e poder, realizando este vigente golpe de estado.

Falar sobre este tema, neste contexto, é dar visibilidade para a luta social das universidades e sociedade civil sudanesas que sofrem pesadamente pelo controle da informação, da internet e de deslocamento. Há uma série de estudantes e professores universitários perseguidos, presos e desaparecidos neste momento por conta da contestação ao regime, assim como o extremo controle às mulheres.

Dar destaque a essa história é fazer uma profunda crítica ao olhar da OTAN e da política ocidental, que veem o conflito no Sudão como um celeiro de terroristas e do Islã radical, sem diálogo com o ocidente, em uma guerra secular de cristãos contra muçulmanos. Ao aprofundarmos na história do Sudão, podemos realizar a crítica da construção desta visão ocidental, consolidada no século XX, de um Sudão anticristão, antiocidental e antimoderno.

A seguir, apresento um percurso da história dessa pesquisa e dos diálogos possíveis com o contexto contemporâneo sudanês, motivada pela efeméride dos 140 anos da criação do Estado Mahdista, em 2021.

Uma história da conquista colonial do Sudão: aspectos da construção da obra “Fé, Guerra e Escravidão” e diálogos com a historiografia e as dinâmicas sociais do Sudão contemporâneo

A pesquisa que realizei sob a *Mahdiyya* e a história do Sudão só foi possível porque contei com a solidariedade de diversas pessoas ao longo de 25 anos de estudos. No começo da mesma, no início dos anos 90, não havia incentivos ao estudo da história da África, e muitas das pesquisas sobre o tema se davam no âmbito dos movimentos sociais, uma vez que pouquíssimas universidades tinham disciplinas ligadas aos estudos africanos ou, quando havia, era nas áreas de letras ou ciências sociais.

Desde o começo desta pesquisa, contei com enorme solidariedade de professores da biblioteca da Universidade Cândido Mendes, que acreditaram no tema e previram sua importância para os estudos de história da África. A Universidade Federal Fluminense me permitiu a possibilidade de ir duas vezes, mestrado e doutorado, aos arquivos missionários, fontes principais da minha pesquisa. Foi através da Universidade de Padova que consegui contato com a Universidade de Cartum, que possuía as fontes muçulmanas da *Mahdiyya*. Com a ajuda do professor Abdubagi Sidahamd, conseguimos fazer o diálogo das fontes

produzidas pelos mahdistas e os missionários do antigo Instituto das Missões pela Nigrizia (atuais Missionárias e Missionários Combonianos do Coração de Jesus), como já foi dito em outros momentos deste artigo.

Trabalhar e problematizar essas fontes missionárias do século XIX e XX, que contam a história da Revolta Mahdista, é falar novamente sobre a importância das universidades. É através deste diálogo que tive acesso às fontes missionárias, escritas em italiano, aos diários pessoais, cartas enviadas aos familiares, diários das missões que informavam tudo que acontecia dentro da missão. Pude perceber, nos escritos, posições e colocações dos atores sociais sobre as situações vividas.

Do lado muçulmano, com fontes acessadas através de publicações da Universidade de Cartum, vi as cartas do Mahdi, que eram direcionadas a diversas pessoas e instituições e para missionários que o interpelavam. Nesses escritos, acho interessante salientar que, para Muhammad Ahmad, o árabe falado pelas religiosas e freiras era semelhante ao falado pelas escravas, e os padres possuíam um conhecimento bem maior da língua.

E com isso se inicia uma complexidade de trocas linguísticas, a percepção das dificuldades de compreensão, a busca de caminhos alternativos de construção de sentidos, que tornaram esse as análises das fontes missionárias e produzidas pelos muçulmanos um processo riquíssimo para uma compreensão da complexidade da experiência social do Estado Mahdista no Sudão.

Ainda sobre missionários do Instituto das Missões pela Nigrizia, estes chegaram ao Sudão ainda sob os auspícios e proteção do Império Austro-Húngaro, e se remetiam às autoridades austríacas. Quanto este acaba, os missionários continuam no Sudão, não participando da unificação italiana. E esta situação os fragiliza e os coloca numa situação de vulnerabilidade no Estado Mahdista, uma vez que não eram representantes de nenhum dos estados europeus que tinham beligerância ou eram interessantes para os Mahdi e seus seguidores.

Quando ocorreu a revolta muçulmana, as religiosas missionárias buscam apoio para serem resgatadas, porém não conseguem. Os muçulmanos sudaneses tentam negociá-las como troca de prisioneiros, e é nesse momento em que os mesmos perceberam que nenhuma nação europeia as reivindicava, porque elas não pertenciam a nenhuma formação nacional atuante no Sudão no final do século XIX.

Foi através do registro dessas religiosas, e também de muçulmanos, que foi possível perceber uma intensa inquietação das lideranças mahdistas que não compreendiam o motivo de nenhum grupo ou nação reivindicar aquelas religiosas missionárias. Nessas fontes, se percebe também o questionamento das lideranças muçulmanas ao tipo de cristianismo anunciado por aqueles missionários, uma vez que diziam estar trazendo Jesus como uma novidade, mas já havia a convivência secular entre muçulmanos com as comunidades cristãs da Etiópia e do Egito. Além disso, esses cristãos africanos de longa data não tinham a postura do cristianismo ocidental, que questionava a civilidade e autonomia dos povos muçulmanos.

Essas fontes são riquíssimas, uma vez que trazem indagações sobre a identidade cristã dos cristãos italianos no Sudão, e são nesses ensaios que os missionários vão registrar a situação política e social da época, inclusive esse desconcerto.

Os mahdistas tinham diversas nomenclaturas para as noções de cor e raça; além da noção deste olhar de fora, rejeitam a forma como o ocidente, por meio dos padres e das irmãs os vêem. E isso é uma forma de resistência, uma vez que esta não necessariamente se dá somente pelo confronto bélico, mas sobretudo nas ações do cotidiano, nas relações, questionamentos e conflitos.

Há uma situação limite na obra “Fé, Guerra e Escravidão”, publicada em 2013 e que também está na tradução ampliada da mesma. Os muçulmanos mahdistas desta região do Sudão, ligados às confrarias Sufis do norte da África e do sul da Península Arábica, estão em

um espaço onde já havia uma plurissecular convivência com judeus e cristãos. No entanto, há a chegada de religiosas e padres ocidentais. Religiosas missionárias católicas eram uma novidade para os mahdistas, e a condição de virgindade delas no meio de uma grande revolta era considerado um problema político e de equilíbrio de relação com as antigas comunidades cristãs africanas que precisava ser resolvido.

Os mahdistas impõem, então, o casamento das religiosas missionárias, uma vez que a virgindade delas, num contexto caótico que se encontravam não podia ser resguardada, e eles entrariam sob tutela dos esposos. Essa situação foi registrada nos diários dos padres e nos depoimentos das religiosas, ou seja, nos diários particulares. O Mahdi primeiramente, como alternativa, buscou arrumar muçulmanos bem relacionados politicamente, ricos, grandes comerciantes que, ao casar com essas mulheres, iriam beneficiar-se mutualmente de prestígio na sociedade, e seria uma forma de as resguardar do estupro e da escravização. Com a resistência das mesmas, o Mahdi percebe, de acordo com os diários das religiosas e dos padres, que a rejeição se dava pelo medo da apostasia da fé católica e também pelo fato dos candidatos a maridos não serem brancos. A solução imposta foi as religiosas se casarem com cristãos brancos vindos da grande Síria e com um dos religiosos prisioneiros.

De acordo com Santos:

Segundo Grigolini (uma das religiosas que teve que casar por imposição dos mahdistas), de fato, o próprio mahdi e seus califas queriam desposá-las, mas diante da resistência das religiosas, Muhammad Ahmad (o Mahdi) recomendou que elas desposassem solteiros brancos que tinham sido cristãos. Com isso, de acordo com as religiosas e com Ohrwalder (um dos padres prisioneiros), acreditava-se que se evitaria um grande choque entre os esposos. Além disso, aquelas mulheres brancas casariam com os homens de sua “raça”. O aspecto das distinções embasadas nas visões racialistas dos missionários influenciou as avaliações que os religiosos sobre o que o Mahdi pensava a respeito deles e dos povos negros não árabes que o apoiavam.²⁶⁴

Fruto dessas uniões das religiosas e também das mulheres catecúmenas com maridos apoiadores do Mahdi, surgiu a *Masalma* de Ondurman. Esta ganhou um estatuto próprio de uma comunidade nascida da união das mulheres cristãs europeias e africanas das missões com os mahdistas, e seus descendentes nos dias atuais reivindicam reconhecimento identitário especial que faria parte da moderna nação sudanesa, e que deveria ter sua legitimidade e representação política reconhecida pelo Estado sudanês.

Sobre a formação da *Masalma*, nos diz Santos:

O casamento das religiosas e, em especial, o de Grigolini com Cocorempas, de Corsi e de Ohrwalder, a fim de “aplar a pressão mahdista”, consolidou, por outro lado, a liderança desses missionários na *masalma*. Esta era um *sujeito* produzido pela ação governamental do Estado Mahdista, ou envolvido por ele. Como os relatos dos missionários tinham dimensão pública/provada, eles não só narravam o que era a Mahdiyya, mas do local da *masalma*, realizavam o papel de mediação entre o que era a experiência histórica e religiosa mahdista, e o papel deles nesse evento e a Europa. Essas dimensões de participantes e narradores nutriam-se mutuamente. O matrimônio dos religiosos representou também uma possibilidade, ensejada pelos mahdistas, de participação na construção da linhagem de famílias que fundaram o estado, fator que corroborava e aprofundava o efeito de sua conversão para o mahdi e para o seu califa, daí a participação pessoal de ambos na celebração da cerimônia, sendo exemplos públicos da moralidade sexual islâmica.²⁶⁵

No contexto da *Mahdiyya*, aumentou-se brutalmente a escravização, onde os egípcios aliados do Império Otomano e dos ingleses submetiam intensamente um contingente de pessoas para fazer guerra contra os mahdistas.

²⁶⁴ Santos, Op cit, pp. 203-204.

²⁶⁵ Idem, p. 222.

Face ao aumento dos ataques, período que vem com o sucessor do Mahdi, o califa Abdulahi fez a reorganização econômica utilizando-se da mão de obra dos prisioneiros, e propôs-se a abrir frentes de trabalhos para o cultivo da terra, organização das caravanas de comércio, entre outros. Os missionários, que tinham segundo eles, um árabe melhor que as religiosas, foram intérpretes dos governantes, tendo assim acesso a uma imensa informação do que acontecia para além das terras controladas pelo Califa.

Nas fontes, saber as cartas do Mahdi publicadas pela Universidade de Cartum e a obra *Bayt Al-Mal* (o livro do tesouro do Estado Mahdista), traduzida por equipe liderada por Anders Bjorkelo da Universidade de Bergen, e a *Sira Al Mahdi*, traduzida e publicada pela Universidade de Cartum, tive a oportunidade única de trabalhar com a imensa produção local africana que descreve os missionários. Nas cartas escritas por Muhammad Ahmad, ele evidencia que os missionários italianos não eram semelhantes aos brancos comerciantes e cristãos que se relacionavam com o Mahdi e com a *Mahdiyya*; sendo assim, foi criado um termo específico para se referenciar aos cristãos italianos, chamando-os de *Nazarenos*.

E sobre estes Nazarenos, há importantes considerações a serem feitas. As novas nações europeias, que se constituíram a partir de 1870, estabelecem o serviço militar obrigatório - o que vai levar a um decréscimo de um contingente masculino de missionários. Teremos então uma mudança qualitativa do contingente missionário, a ponto de, por volta da Primeira Guerra Mundial, a maior parte da missionação católica ser conduzida por mulheres. Os homens, apesar de irem se tornando minoria, por outro lado, tinham os papéis mais importantes como bispos missionários, chefes de missão e instrutores dos catequistas.

A história do missionarismo católico no mundo contemporâneo é feminina, porém só ouvimos falar dos padres. Os padres do século XIX e XX são os chefes das estações missionárias, vigários apostólicos, administradores, ou seja, aqueles que dão as diretrizes para que os religiosos e os catequistas, que são lideranças regionais, toquem a vida da missão. As missões católicas do século XX são fundamentalmente carregadas por mulheres. Esse dado de pesquisa é surpreendente e nos faz rever muito dessa discussão.

Nessa época, tem-se também uma queda qualitativa da formação educacional do missionário. O missionário da época moderna vinha de família de uma nobreza decadente ou família burguesa, é pessoa com acesso a boa alfabetização, conhecedor do latim e grego, e até sabia manejar esse repertório etnocêntrico e (des)qualificador das sociedades africanas porque tinha uma formação considerada bastante elevada em relação ao resto da população.

Os relatos missionários começam a ser cada vez mais concentrados e escritos por homens que eram administradores das missões, mas que não estavam no cotidiano das mesmas. Neste sentido, os textos das religiosas se tornam fontes preciosíssimas dos relatórios que elas faziam a estes administradores; boa parte do que o missionário diz que escreveu, são informações que recebem das religiosas e dos catequistas. Muitas vezes o padre missionário organiza as informações recebidas e assina.

Ao estudar a história da *Mahdiyya*, percebi esse grande desafio, uma vez que os textos de missionários havia alguma erudição, a exemplo do padre Ohrwalder, chefe da estação missionária e que tornou-se tradutor para o Mahdi. No entanto, as grandes descrições do cotidiano e das condições da população foram realizadas pelas religiosas.

Percebe-se que os padres escreviam um texto geral dentro de uma fórmula narrativa, que está entre um mundo colonial tornando-se cada vez mais bárbaro para justificar a presença dos missionários. Já as irmãs falam da sobrevivência, do apoio das mulheres, das escravas, falam da necessidade de seu acesso a essas mulheres e da preocupação com as necessidades básicas das possíveis catecúmenas.

Elas trazem o universo do cotidiano feminino, do trabalho de catequese. A referência missionária muitas vezes era do catequista que puxava a reza juntamente com as irmãs e o catequista que organizava a leitura da bíblia aos domingos, que tinham permissão dos padres administradores da missão juntamente com as mães de fazer a distribuição da hóstia.

Para boa parte dos católicos sudaneses, ugandenses e quenianos, a vida religiosa era vivida com os catequistas e com as religiosas. É possível notar isso através de textos que, apesar de considerar-se sua frágil erudição, do ponto de vista histórico são depoimentos primorosos das tensões e conflitos do universo missionário africano, e graças a essas religiosas, no caso do estudo sobre a *Mahdiyya*, consegui cruzar vários textos de várias procedências que me ajudaram a perceber níveis de compreensão de análise, de atitudes etnocêntricas, mas também de descrição das sociedades missionadas.

No pós-Segunda Guerra Mundial, as missionárias combonianas se propuseram fazer uma grande releitura do passado das religiosas ancestrais no Estado Mahdista. A partir das experiências delas e de outras em diversos espaços africanos, trouxeram em seus escritos a denúncia, em diversos contextos históricos, da desigualdade de gênero dentro da área missionária.

No próximo item, será ressaltada a importância do investimento nas pesquisas sobre os estudos africanos e as interfaces que podem dinamizar reflexões fundamentais sobre a contribuição brasileira para espaços africanos que precisam ainda ser conhecidos pela nossa historiografia.

A história do Sudão mahdista é vital para a compreensão de diversos outros movimentos anticoloniais e precisa, assim como outros importantes espaços africanos, de apoio e infraestrutura necessários para o desenvolvimento de pesquisas nos quais podemos trazer contribuições importantes com referenciais construídos no campo acadêmico brasileiro.

A importância do investimento das universidades nos estudos africanos: o exemplo desta pesquisa

É importante frisar a importância das universidades brasileiras e das pós-graduações de formar pessoas que possam fazer políticas coerentes de pesquisas e trazerem à tona histórias diferentes das conhecidas, mas que podem dar outras dimensões para os estudos do colonialismo, das fontes missionárias, dos processos de hierarquização das sociedades e de experiências coloniais. O Sudão, por exemplo, foi a única formação colonial que adotou a nomenclatura de *condomínio* - não era área de influência, ou protetorado ou colônia, e que tem essas sobreposições de colonização.

À época de elaboração do doutorado, a ideia era questionar a visão corrente do Sudão como palco de fundamentalistas que sempre odiaram o ocidente, e busquei trazer a riqueza, a originalidade e a imensa produção narrativa discursiva dessas sociedades; e que elas estavam em redes internacionais de diálogos e produções de sentidos; e que essas sociedades questionam os missionários recém-chegados, além de os colocarem limites e atravesso uma porta, que aparece nas fontes escritas, que é a dimensão humana dessas relações, sobretudo na disputa pelo controle do corpo, sexualidade e o sentido de vida das cinco mulheres prisioneiras.

Estudar outros espaços africanos que não têm correlação direta com a nossa história colonial atlântica também nos permite ampliar referências teórico-metodológicas, que possibilitam revisitar velhos temas trazendo novas e instigantes interpretações, acentuando a riqueza com as pesquisas e universidades africanas no mundo contemporâneo, a partir de questões também que se apresentam para nós como desafiadoras na atualidade e as quais precisamos atravessar globalmente - como os impactos da pandemia nos diferentes contextos sociais periféricos da América Latina e da África, por exemplo.

Revisitar a história que marca os 140 anos da *Mahdiyya* no Sudão também é um convite para se repensar as formas dos estudos dos diferentes contextos muçulmanos e a necessária atenção aos discursos islamofóbicos que produzem “inimigos convenientes” - na acepção de Peter Gay na sua importante obra “O Cultivo do ódio” - que justificam ainda

mais o descarte de pessoas e sociedades inteiras num contexto de profunda crise civilizacional que atravessamos.²⁶⁶

²⁶⁶ Gay, Peter (1995). A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud, Vol. 03: “O Cultivo do Ódio”. São Paulo: Companhia das Letras.

Referências bibliográficas

Gay, P. (1995). A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud, Vol. 03: "O Cultivo do Ódio". São Paulo: Companhia das Letras.

Mitchel, T. (1995). "Orientalism and Exhibitionary Order", in: DIRKS, Nicholas B. *Colonialism and Culture*. Ann Arbor: Michigan University Press, 1995.

Santos, P. T. & Kumar, S. (2021). Faith, War and Slavery: a history of the colonial conquest of Sudan (1881-1898). Delhi: Shivalik Prakashan.

_____. (2013). Fé, Guerra e Escravidão: uma história da conquista colonial do Sudão (1881-1898). São Paulo: Editora UNIFESP.

Shouk, A. & Bjorkelo, A. (1996). The Public Treasury of the Muslims. Monthly Budgets of the Mahdist State in the Sudan – Bayt Al Mal (1897). Leiden: Brill.

Este ebook foi publicado pela primeira vez em fevereiro de 2024, pelo Centro de Estudos Internacionais do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), no âmbito da série editorial.

ISBN 978-989-781-900-1

Ebook'IS

Os Ebook'IS são uma série editorial do CEI-Iscte, dedicada à publicação de monografias e volumes editados em formato digital, disponibilizada numa vasta gama de formatos de leitura e compatível com os principais sistemas operativos e dispositivos eletrónicos.

Esta série editorial de alta qualidade e revista por pares é um elemento importante na difusão internacional da investigação da CEI-Iscte, e oferece aos investigadores externos interessados a oportunidade de publicar os resultados da sua investigação.

Aceitamos manuscritos originais, mas também oferecemos a republicação exclusiva de livros de alta qualidade em formato digital, previamente publicados em papel, no caso de estarem livres de restrições de direitos de autor.

Embora possamos e aceitemos propostas autónomas – ou seja, publicações pontuais sobre um determinado assunto na área geral dos estudos internacionais (seja uma monografia ou um volume editado), a política editorial da série Ebook'IS tende a abordar as áreas de investigação regionais atualmente cobertas no CEI-Iscte (África, Ásia & MENA, América Latina & Caraíbas, Europa & Relações Transatlânticas) e as suas principais linhas de investigação, nomeadamente Instituições, Governação e Relações Internacionais, Desafios Societários e de Desenvolvimento, e Economia e Globalização.



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Esta publicação é financiada com fundos nacionais provenientes da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UIDB/03122/2020 e UIDP/03122/2020.



Esta publicação está abrangida por uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).